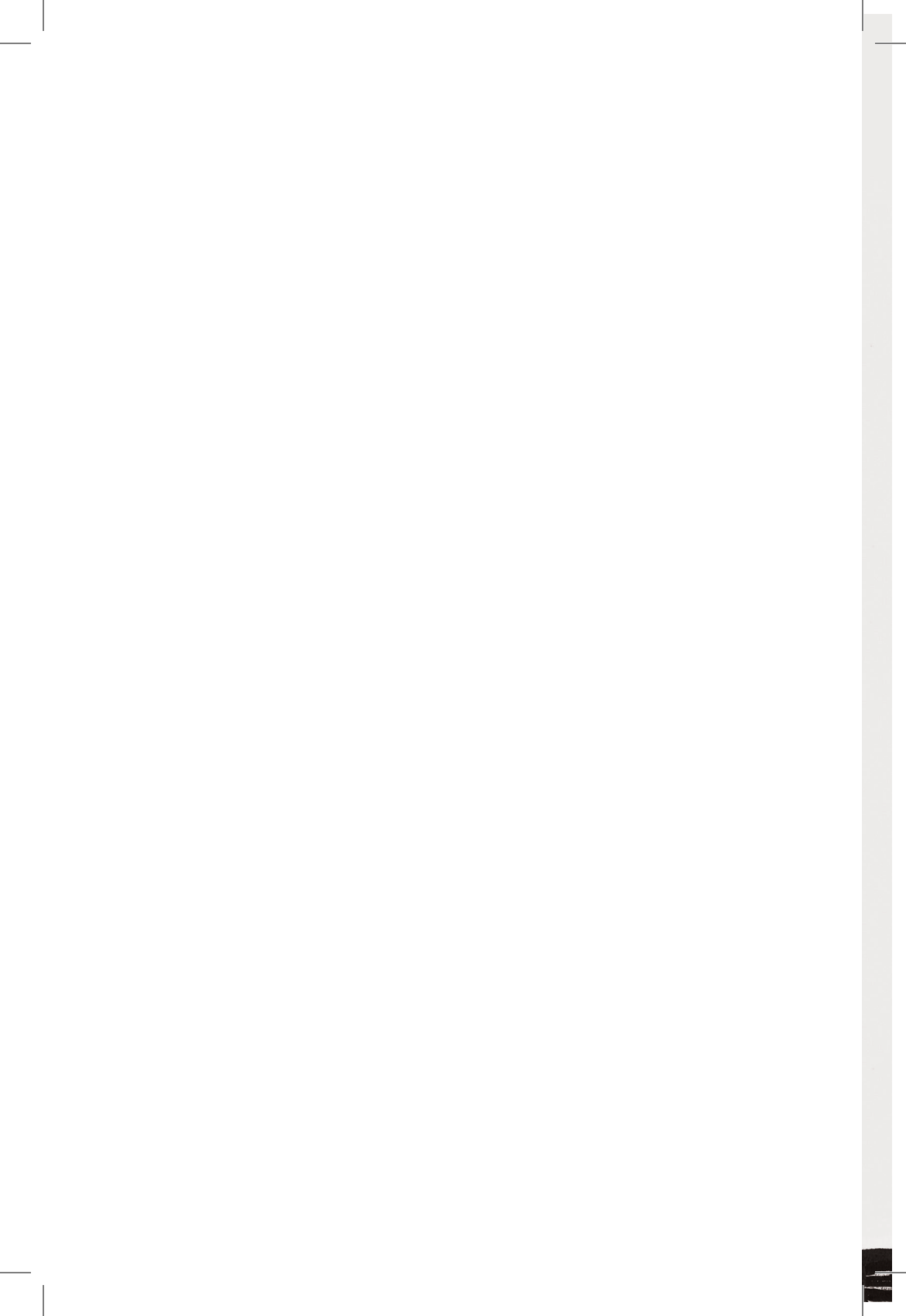


trincheira

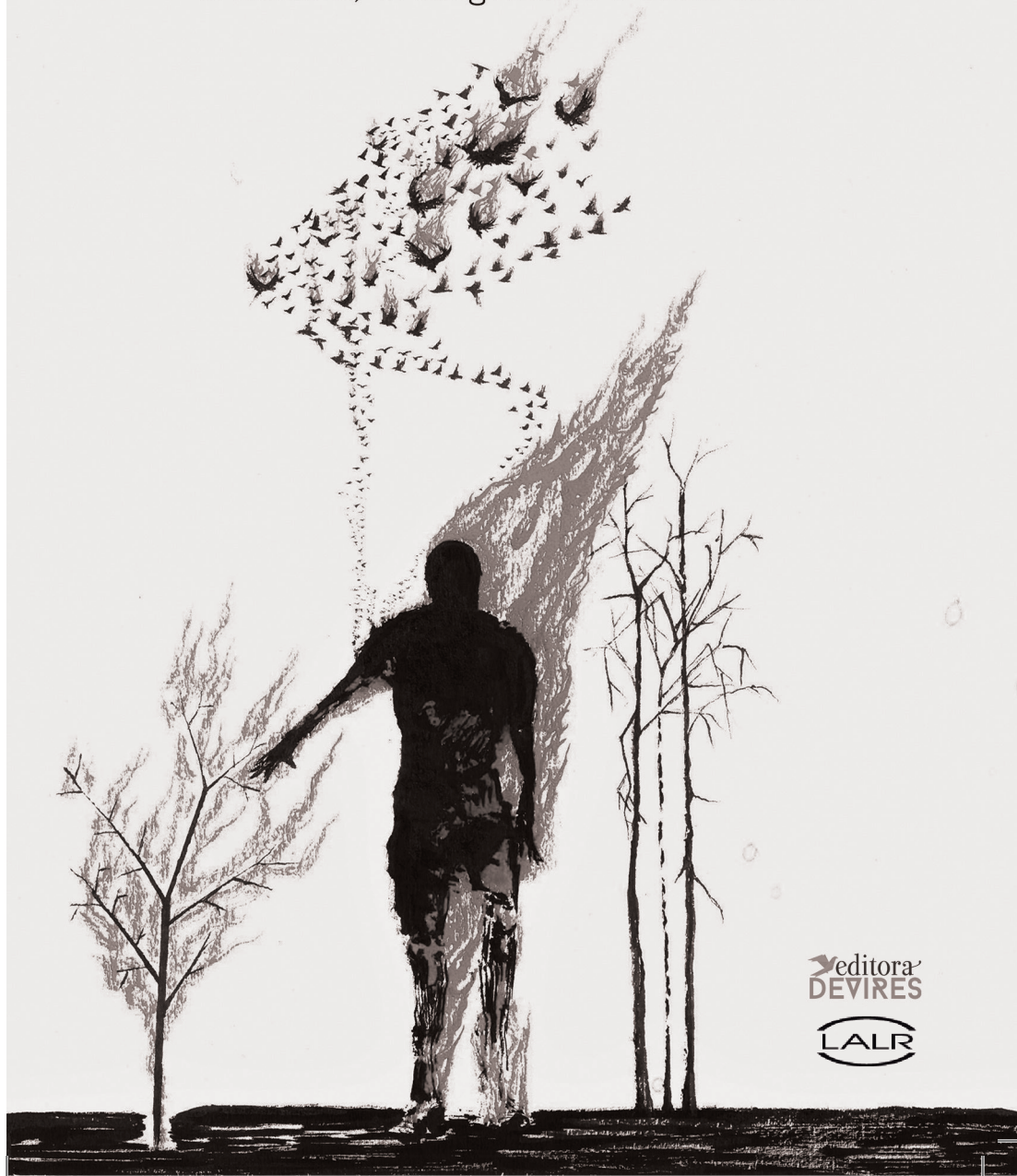
Ditadura, transgressão e literatura



ANDRÉ NASCIMENTO

trincheira

ditadura, transgressão e literatura



editora
DEVIRES

LALR

trincheira

ditadura, transgressão e literatura

Editor: Gilmaro Nogueira
Diagramação: Daniel Rebouças
Revisora: Sandra Andrade do Val
Arte da Capa: Paulo Andreas Lorca



<https://www.lalrp.net/>

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFQB	Prof. Dr. Leandro Colling Universidade Federal da Bahia – UFBA
Prof. Dr. Djalma Thürler Universidade Federal da Bahia – UFBA	Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
Profa. Dra. Fran Demétrio Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB	Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Prof. Dr. Helder Thiago Maia USP - Universidade de São Paulo	Prof. Dr. Marcio Caetano Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Prof. Dr. Hilan Bensusan Universidade de Brasília - UNB	Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ	Dr. Pablo Pérez Navarro Universidade de Coimbra - CES/Portugal e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil
Profa. Dra. Joana Azevedo Lima Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa	Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Prof. Dr. João Manuel de Oliveira CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa	
Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa Universidade Estadual da Paraíba – UEPB	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

N193t	Nascimento, André
1.ed.	Trincheira : ditadura, transgressão e literatura / André Nascimento. – 1.ed. – Salvador, BA : Devires, 2022. 162 p.; 14 x 21 cm.
	Bibliografia ISBN : 978-85-93646-47-8
	1. Diversidade sexual. 2. Ditadura. 3. Literatura brasileira. 4. Marxismo. 5. Masculinidade. I. Título.
12-2022/06	CDD 305.071

Índice para catálogo sistemático:
1. Diversidade sexual : Masculinidade 305.071
Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.



Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

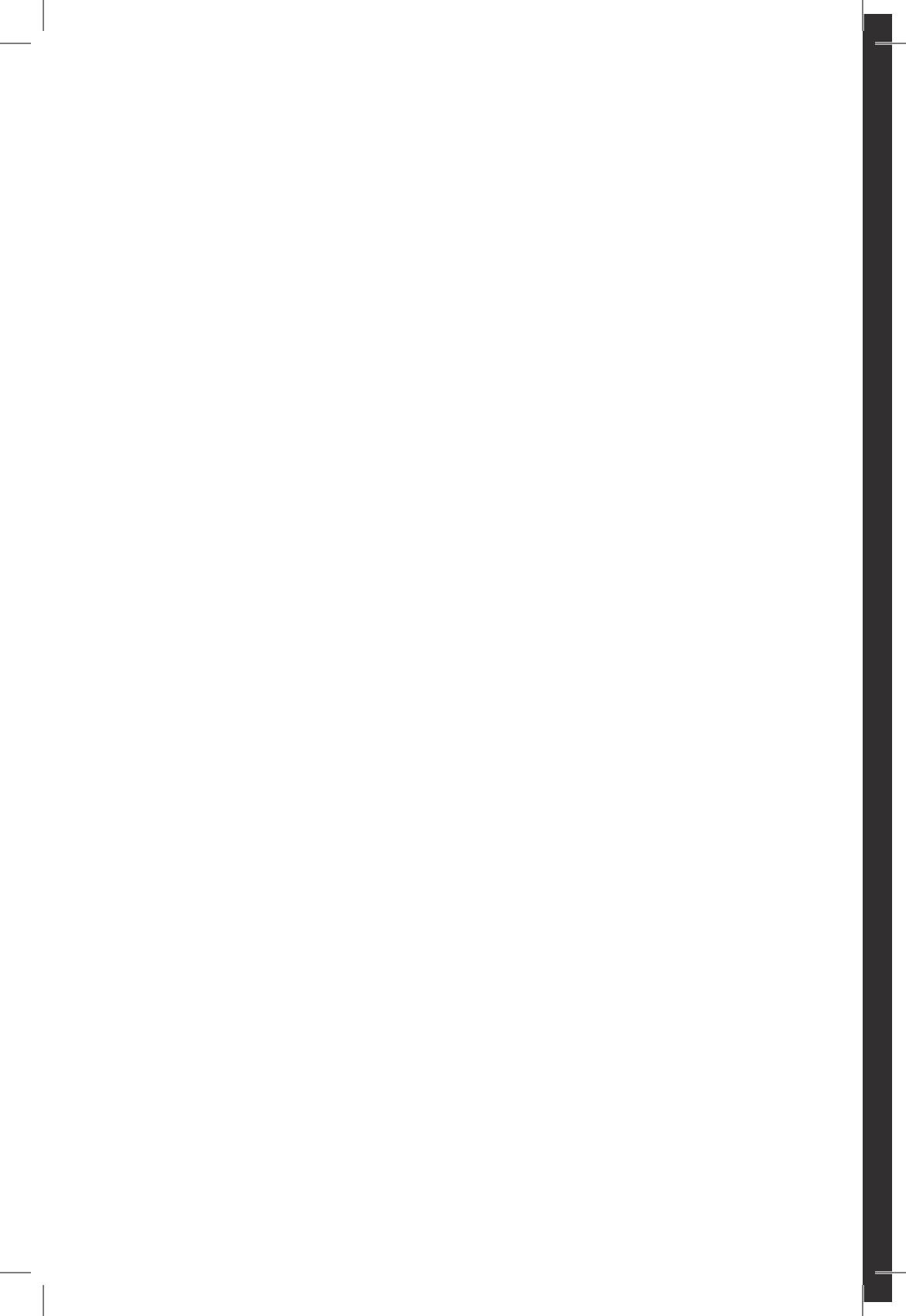
*(...) a base do fascismo não está em pequenas castas,
mas em amplas camadas sociais, enormes massas
que se aproximam até do proletariado.
Para triunfamos contra o fascismo, devemos
entender essas diferenças essenciais.
Somente táticas militares não serão suficientes para
derrotá-lo (...); devemos também
gladiar nos campos políticos e ideológicos.*

Clara Zetkin, *Fighting Fascism* (1923)



Sumário

Prefácio	9
Introdução	19
Táticas contra a repressão	43
Entre a violência e o sonho	67
O Partido: militância comunista e <i>queer</i>	89
O que fazer com “Aqueles dois”?	123
Referências	151



Prefácio



Leituras alternativas da trincheira

A dor da gente não sai no jornal.

Chico Buarque, 1975

Para este prefácio, a trincheira foi eleita como lugar de fala, servindo de esconderijo e proteção para se observarem os fatos. Assim, a trincheira torna-se local estratégico capaz de (re)velar a dupla provocação enunciativa: um movimento elástico da ambiguidade, entre mostrar e/ou esconder, conforme a necessidade.

Na espreita, as evidências são ponderadas. A produção da informação pode criar alternativa e visibilidade através da mídia, do jornal, da literatura, da música. Colocar o foco com certo destaque em relatos literários de insistência traz à tona instâncias enunciativas prontas para descortinar veredas, como resistência evanescente de criatividade, flexibilidade e versatilidade.

Determinados assuntos, personagens e/ou temas nem sempre são abordados para evitar incômodos. Como mediação transideológica, a epígrafe de Chico Buarque (1975)

explora a dor que não é dita. O silêncio aqui tem voz alta, cuja desobediência urge na alternativa: desvio a conquistar novos/outros percursos. Enunciação criativa!

Neste primeiro livro de André Nascimento, camadas de leituras alternativas entrelaçam estudos *queer*, literatura, história e jornalismo, mediante um panorama brasileiro recente (1964-1985). Da leitura à escrita, a ordem flexível seria tentar absorver e traduzir aspectos sensíveis e inteligíveis desse processo criativo. As obras literárias escolhidas subvertem a lógica capital do sistema hegemônico e assinalam fragmentos de alteridade, diferença e diversidade.

As ideias de Nascimento (de)marcam trincheiras na busca por um campo epistemológico capaz de fortalecer as investigações pontuais acerca de diversidade sexual e de identidade de gênero. Ao tematizar a diversidade sexual e de gênero nas narrativas pesquisadas, o autor cria um conjunto sólido de leituras alternativas agenciando/negociando sua própria produção de conhecimento. Entre o intelectual e o ativista-militante, o saber perdura.

Do ponto de vista acadêmico, produzir conhecimento deflagra um tecido discursivo estrategicamente (re)equacionando conceitos, estudos, fundamentos, investigações, pesquisas, teorias e métodos. O exercício do conhecer aproxima o pesquisador dos fatos e reconhece pontos específicos a serem explorados. Com isso, o conhecer almeja o embate necessário para aprofundar o olhar crítico-reflexivo a respeito do objeto pesquisado e seu respectivo contexto.

O que (re)dimensiona o conhecer seria a experiência do autor quando se debruça sobre determinada literatura *queer* brasileira pós-1964 como objeto político e estético, conforme adentra os contextos narrativos.

Então, é fundamental somar essa experiência à experiência de cada personagem, bem como à experiência de cada leitor/a. A experiência, aqui, assimila autor, personagem e leitor/a a grupos sociais que vivenciam e experimentam essas textualidades *queers*. Experimentar permite degustar, examinar, provar...

Do ponto de vista político, a escolha dos textos desta coletânea não foi por acaso. Pelo contrário, os diversos elementos intrínsecos/extrínsecos, que circundam as obras e os autores citados, pedem leituras alternativas mais dirigidas ao escopo subversivo, transgressivo, da diversidade. Isto é, são leituras que compreendem as articulações dinâmicas das comunidades Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer e afins (LGBTQ+), na realidade enfrentada pelas masculinidades expostas na ditadura.

Se, para Nascimento, essa literatura *queer* brasileira pós-1964 visa a desestabilizar as masculinidades ditatoriais, suas leituras alternativas pressupõem *ethos* discursivos, os quais evitam reconhecer qualquer modo heterossexista, fundado na lógica da violência e da ignorância.

Entretanto, tais escrituras *queers* elencadas esbarram na realidade brasileira e se entrecruzam em um extenso efeito antropofágico de paradoxos, contradições e controvérsias.

Para tanto, alternar expande territórios entre escolha, preferência, desvio, opção, seleção, bem como variação, intercalação, revezamento e/ou possibilidade. Tais leituras alternativas equivalem-se, não apenas pelo grau de verdade e/ou existência, mas pela proposição crítico-reflexiva sobre essas narrativas *queers*, as quais solicitam atenção à produção de subjetividade. A expectativa, assim, seria ampliar a condição adaptativa do sujeito no mundo contemporâneo.

Quase 60 anos se passaram, desde 1964, e continuamos abordando a violência da ditadura brasileira. Esta é uma ferida aberta que não cicatriza fácil. Por isso, algumas trincheiras ainda não foram fechadas, pois aguardam uma resolução mais coerente e digna do poder público. Calar a boca ou encerrar este assunto não é tão simples. Impressões e vestígios do passado sombrio da ditadura, no Brasil, assolam o contemporâneo com resquícios poéticos de nostalgia e registro de ausência de políticas públicas.

Cabe à sociedade, aos intelectuais e aos políticos o compromisso de refletir sobre a desigualdade social, no país, como fator que impede o desfecho dos enunciados (alternativos, criativos e estratégicos) desse tipo de literatura. Solidariedade é o ponto a ser alcançado cujo desfecho enuncia estrategicamente “novas/outras” variantes inusitadas.

Logo, desdobram-se as leituras alternativas de Nascimento acerca dos fatos ocorridos e nem sempre bem retratados. Isso promove recordações, lembranças e memórias fecundas de combate, enfrentamento, coragem e luta para se conquistar mudanças necessárias à nação. Ou seja, avanços e transformações sobre a diversidade nas comunidades LGBTQ+ ponderam algumas atualizações enunciativas a respeito dos direitos humanos no Brasil.

Vasculhar os cantos da casa como quem quer vasculhar os cantos do mundo requer determinação e foco para gerar essa leitura alternativa. Entre desafetos e fagulhas, dores e horrores, permanecem em boa parte da sociedade brasileira traumas terríveis de atos desprezíveis de quem comandava, fortemente, a situação de assombros em tempos difíceis. Ocasões de tormentas inexplicáveis!

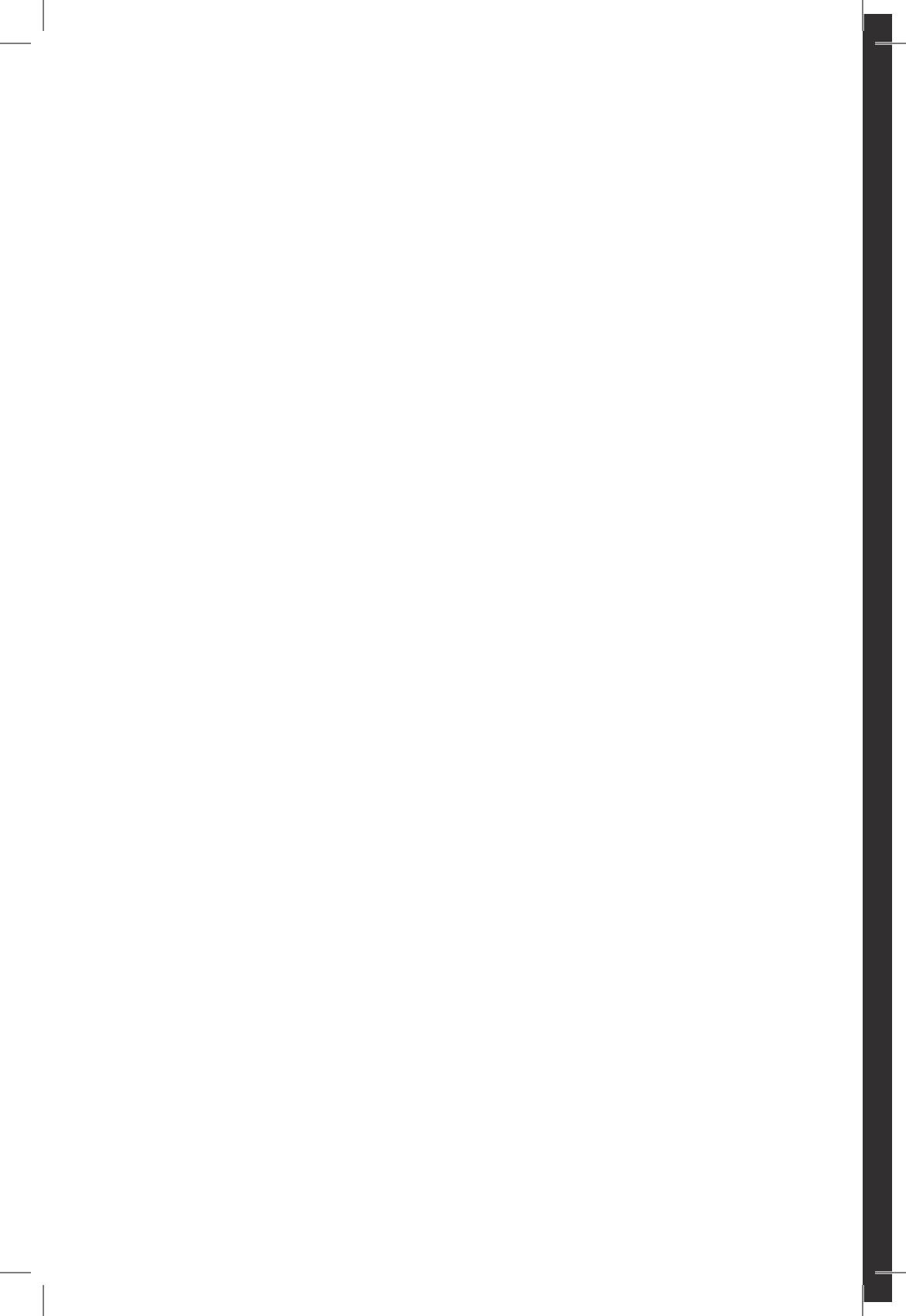
Contudo, a pesquisa de Nascimento esmiúça um contundente tecido discursivo da literatura *queer* brasileira pós-1964, expondo uma noção de diversidade a partir de *performance*, gesto, aceno, trejeito, corporeidade para testar possibilidades alternativas do protagonismo *queer* – estranho, esquisito, divergente, torto, desviante. Entre a notícia ou a entrevista da imprensa, a pauta jornalística legitima a cobertura de cada edição, veiculando fatos nas mídias que vendem jornal. “Alegoria” vende porque gera impacto imediato.

Nesse fluxo, a literatura *queer* tratada explora outros caminhos inimagináveis, na insubordinação da pluralidade dos desejos. E para se assumir a pergunta, então, seria: Ser *o macho ou a bicha*? Na linguagem perspicaz de André Nascimento, *a fluidez do desejo penetrava contra o regime de controle sexual*.

Prof. Dr. Wilton Garcia

Artista visual e Crítico Literário

Fatec Itaquaquecetuba/SP



Nota sobre ortografia

Neste livro, optei por não utilizar @ ou x como quebra na marcação de gênero. Não é uma decisão purista. Não tenho nenhum compromisso com a gramática prescritiva. Minha escolha se dá pelo impedimento sonoro nas plataformas de audioleitura. Portanto, essa é uma aposta contra o *capacitismo* visual.

Aposto também em outro ponto. E se pudéssemos disputar as concordâncias nominais tidas como masculinas? Sugiro que possamos visualizar “eles” com outra lógica, sem que o plural seja aceito como masculino ou cis-hétero. O masculino pode e deve ser questionado fora do imaginário da intolerância. Às vezes, a tática adequada é o desmonte. E, se essa for a rota, haverá muito êxito na implosão das bases.

